

SÃO BENEDITO: HAGIOGRAFIA, ICONOGRAFIA E ESCULTURAS DEVOCIONAIS PRETAS NO BRASIL ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX

SAINT BENEDICT: HAGIOGRAPHY, ICONOGRAPHY, AND BLACK DEVOTIONAL SCULPTURES IN BRAZIL BETWEEN THE 18TH AND 19TH CENTURIES

SÃO BENEDITO: HAGIOGRAFÍA, ICONOGRAFÍA Y ESCULTURAS DEVOCIONALES NEGRAS EN BRASIL ENTRE LOS SIGLOS XVIII Y XIX

Fábio Mendes Zarattini¹
fzarattinirestauro@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta esculturas em madeira policromada que representam São Benedito de Palermo, também conhecido como o Mouro, o Preto ou o Africano, um santo franciscano preto amplamente venerado pelas populações escravizadas no Brasil entre os séculos XVII e XIX. A cristianização promovida pelos Frades Menores Capuchinhos, em articulação com as irmandades do Rosário dos Pretos, resultou na produção de imagens devocionais destinadas tanto aos templos religiosos quanto a ambientes domésticos. A metodologia adotada é baseada na revisão de estudos teórico-práticos, com ênfase na análise hagiográfica, iconográfica, técnica e material de esculturas representativas da temática. Foram examinadas as influências de fatores socioculturais e histórico-religiosos, bem como modelos e processos de reapropriação iconográfica observados ao longo do tempo. A preservação dessas esculturas devocionais, integrantes do patrimônio cultural brasileiro, exige contínua reflexão crítica e interpretação simbólica, dada sua expressiva relevância nos âmbitos material e imaterial, além de sua presença marcante no imaginário coletivo.

Palavras-chave: Escultura em Madeira Policromada; Devoção Preta Franciscana; Antônio do Noto ou do Categeró; Iconografia.

ABSTRACT

The article presents polychrome wooden sculptures depicting Saint Benedict of Palermo, also known as the Moor, the Black, or the African—a Black Franciscan saint widely venerated by enslaved populations in Brazil between the 17th and 19th centuries. The Christianization promoted by the Capuchin Friars Minor, in collaboration with the Brotherhoods of Our Lady of the Rosary of Black Men, led to the production of devotional images intended for both religious temples and domestic spaces. The adopted methodology is based on a review of theoretical and practical studies, with emphasis on hagiographic, iconographic analysis, as well as the technical and material aspects of sculptures representative of the theme. The study examines the influence of sociocultural and historical-religious factors, as well as the models and processes of iconographic reappropriation observed over time. The preservation of these devotional sculptures, which form part of Brazil's cultural heritage, demands ongoing critical

¹ Conservador-restaurador pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Cultural, da Escola de Belas Artes, UFMG. Pesquisa realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de Financiamento 001.
Lattes: lattes.cnpq.br/4258119342923991. Orcid: orcid.org/0000-0003-1455-0452.

reflection and symbolic interpretation, given their significant relevance in both material and immaterial dimensions, and their enduring presence in the collective imagination.

Keywords: Polychromed Wood Sculpture; Franciscan Black Religion Devotion; Anthony of Noto or Categeró; Iconography.

RESUMEN

El artículo presenta esculturas en madera policromada que representan a San Benito de Palermo, también conocido como el Moro, el Negro o el Africano, un santo franciscano negro ampliamente venerado por las poblaciones esclavizadas en Brasil entre los siglos XVII y XIX. La cristianización promovida por los Frailes Menores Capuchinos, en articulación con las cofradías del Rosario de los Negros, dio lugar a la producción de imágenes devocionales destinadas tanto a templos religiosos como a espacios domésticos. La metodología adoptada se basa en la revisión de estudios teórico-prácticos, con énfasis en el análisis hagiográfico, iconográfico, así como en los aspectos técnicos y materiales de esculturas representativas de esta temática. Se examinaron las influencias de factores socioculturales e histórico-religiosos, además de los modelos y procesos de reapropiación iconográfica observados a lo largo del tiempo. La preservación de estas esculturas devocionales, integrantes del patrimonio cultural brasileño, exige una reflexión crítica continua y una interpretación simbólica, dada su significativa relevancia en los ámbitos material e inmaterial, además de su presencia destacada en el imaginario colectivo.

Palabras clave: Escultura en Madera Policromada; Devoción Negra Franciscana; Antônio do Noto o do Categeró; Iconografía.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da tese intitulada *Santos Pretos: Esculturas Devocionais no Brasil*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa *Preservação do Patrimônio Cultural*, em 2024 (Zarattini, 2024). O artigo aborda as esculturas de devoção a São Benedito, que, dentre os santos pretos abordados na citada tese, se destaca por sua maior difusão nacional.

Em conventos franciscanos da Sicília, Itália, surgiram alguns modelos de santidades pretas, dentre os quais se destacaram os freis Antônio de Noto, um beato da Ordem Primeira e, posteriormente, Benedito de San Fratello ou de Palermo, da Ordem Terceira, que obteve a canonização (Fiume, 2009). Conforme esta autora, esses religiosos gozaram, nos últimos decênios, de um grande e renovado interesse. A pesquisadora italiana afirmou ainda que eles eram quase contemporâneos, ambos eram pretos africanos, mas o primeiro era mulçumano, tinha traços somáticos “etíopes”, linhas faciais sutis, cor morena e um corpo longilíneo, enquanto o segundo nasceu na Sicília, filho de escravos africanos, tinha o aspecto geral das populações da África centro-ocidental, nariz achatado, boca carnuda, estatura mediana e colorido escuro, tendendo ao ébano.

Tanto São Benedito de Palermo quanto seu precursor, o beato Antônio de Noto, foram frades destacados como modelos exemplares de fé no contexto da campanha missionária nas Américas, sendo difundidos em patamar equivalente ao de outras santidades franciscanas. A retórica franciscana relacionava as origens humildes e o regime da escravidão em que viveram. Visto que o conceito de humildade era fundamental para a construção das santidades dessa ordem, a graça divina dessas figuras estava, sobretudo, na forma de superação das circunstâncias de uma escravidão pela via da conversão, devoção e vida religiosa que ambos os personagens optaram no catolicismo (Chevalier; Gheerbrant, 2022).

A hagiografia colonial destacou a vida de santos pejorativamente referidos como “de cor” como instrumento de expansão da cristandade na América portuguesa. Nesse contexto, a cor preta, usualmente marginalizada, foi abrandada e ressignificada como símbolo de virtude e conformidade aos valores católicos (Fiume, 2009).

Os freis Apolinário da Conceição (1744) e Antônio de Santa Maria Jaboatão (1859), cronistas hagiógrafos que se dedicaram ao estudo da trajetória de São Benedito, contribuíram para sua inserção em um projeto de expansão cristã articulado ao empreendimento colonial português nas Américas. Conforme Oliveira (2016, p. 78).

A existência de “santos de cor”, por conseguinte, expressava nos altares uma hierarquia cromática que tinha lugar na própria vivência dos fiéis. Hierarquia esta que delimitava fronteiras não só entre os brancos e “homens de cor”, mas também no interior deste último grupo. Deste modo, o discurso hagiográfico sobre a cor construiu também uma série de nuances que visavam dar conta de um quadro social mais complexo, onde não só se pretendia inserir os pretos de forma subordinada no interior da Cristandade, mas também expressar um imbricado jogo de hierarquias sociais afeitas às clivagens construídas entre os próprios africanos e seus descendentes.

Neste sentido, a cor preta era tratada para enaltecer suas origens, a mudança de patamares e as virtudes. Destacavam, portanto, a extraordinária transposição ao ideal de piedade e fé. Oliveira (2016) afirma que o propósito dos discursos e o esforço em indicar e exaltar santos pretos em suas ordens ia para além de meros símbolos religiosos e ditava hierarquias sociais existentes na colônia. Enquanto a sociedade escravista ampliava, o discurso de santidade ajustava-se ao modelo social estratificado.

À medida que os escravizados eram trazidos involuntariamente ao Brasil, foram implantadas as Irmandades pretas, o que, de certa forma, possibilitava, mesmo que de maneira desigual, que os africanos ou nascidos no território americano, participassem da vida da Colônia e das festas religiosas e procissões de rua. Essas organizações religiosas elaboraram seus compromissos, edificaram seus lugares de culto, prestaram uma importante assistência política e social, além de propiciar, inclusive, sepultamentos dignos para os seus membros e familiares. Merece destaque que, desde 1609, verifica-se uma fraternidade dedicada ao então beato Frade

Benedito em Lisboa; e, em 1612, um culto no Rio de Janeiro, com altar na igreja de Nossa Senhora do Rosário, ainda no segundo quartel do século XVII (Inventário Arq Rio, [2023?]).

No que tange à hagiografia, no Convento de Santa Maria de Jesus de Palermo, Itália, encontra-se uma placa, com a inscrição em italiano, indicando a cela habitada por Benedito e, logo abaixo, “1524-1589”, registrando os anos de seu nascimento e falecimento aos 63 anos, em Palermo, Itália (Benedito, o Mouro, 2025). Após seu funeral, a Ordem Terceira Franciscana, ciente das normas do processo de canonização, moveu esforços no apoio à causa de canonização do Frei.

Desta forma, foram iniciadas as coletas de testemunhos exigidos na abertura da *inquisitio*², que visava atestar suas virtudes e, assim, comprovar os necessários milagres. Benedito tornou-se amplamente conhecido graças às diversas iniciativas tomadas pelos confrades franciscanos de Palermo, na Sicília (IT), e por um grupo de devotos e fiéis, movidos pelas graças que ele lhes propiciou, ainda em vida, e que suas relíquias continuaram a proporcionar após seu falecimento (Fiume, 2006).

Em 1611, o franciscano espanhol Antônio Daza publicou, em Valladolid (ES), uma crônica na qual abordava a questão dos dois religiosos da Sicília: Benedito de Palermo e Antônio de Noto. Em seus escritos, o frei Daza (1611, tradução nossa) enfatizou a característica racial, ao expressar que, sendo negro, Benedito confirmou o dito popular que afirma:

[...] “de terra negra bom pão levanta”; – “sua mãe foi uma negra escrava de um cavaleiro da casa Lança: e assim o filho, seguindo a condição da mãe, nasceu negro e escravo”; era, – “apesar de negro, agraciado e honesto”; tornado eremita – apesar de negro, foi o branco de todos os varões espirituais daquele tempo.³

Fiume (2009, p. 102, grifos do autor) destaca as palavras de Daza a respeito dos santos Franciscanos pretos: “A Igreja da Etiópia fora purificada pela fé, e tornava-se ‘*candida y hermosa*’, aliás, ‘*negra sì, pero hermosa*’.”. Segundo afirmações de Daza (1611), o beato, apesar da “cor” e de sua origem muçulmana, fora convertido ao cristianismo, transformando-se pela fé.

No ano de 1630, os missionários franciscanos presentes no território brasileiro fundaram a primeira fraternidade em Salvador (BA) e, em 1648, uma segunda, em Angra dos Reis (RJ), pontuadas como as mais antigas fraternidades brasileiras ainda ativas (Basílio Röwer, 1941).

² *Inquisitio* é o termo de abertura do processo de canonização junto ao Dicastério para as Causas dos Santos, departamento do governo da Igreja Católica na Cúria Romana.

³ [...] *dalla terra nera si alza buon pane [...] sua madre fu una schiava nera di un cavaliere della casa Lança: e così il figlio, seguendo la condizione della madre, nacque nero e schiavo; era – nonostante fosse nero, grazioso e onesto; divenuto eremita – nonostante fosse nero, fu il bianco di tutti gli uomini spirituali di quel tempo.*

Sandoval (1647) indicou a característica racial do frade de modo enfático e alegou que a possibilidade de um preto tornar-se um santo dependia unicamente da graça divina. A Igreja não poderia deixar de se posicionar diante da importância crucial que a escravidão africana desempenhava no contexto do Império Colonial português. A estrutura social da época, baseada em diferenças e hierarquias, exigia um projeto específico de cristianização voltado para africanos e seus descendentes.

Pudemos observar que, na popular devoção Mariana, desenvolviam-se os processos de evangelização, e, paulatinamente, as irmandades pretas do Reino português e suas colônias americanas dedicavam-se à Nossa Senhora do Rosário, cuja invocação foi das mais relevantes e presentes naquele momento.

SÃO BENEDITO DE PALERMO, 1526-1589: ORIGENS E HAGIOGRAFIA

Benedetto Manasseri, ou “Benedito de São Filadelfo”, denominação encontrada nos livros litúrgicos, ou simplesmente Benedito, nasceu em liberdade no ano de 1524, na aldeia siciliana de San Fratello, antes denominada de San Filadelfo. A respeito de sua vida e origem, Fiume (2009, p. 102) afirma:

[...] sendo negro, Benedito confirmou o dito popular que afirma que – de terra negra bom pão levanta; sua mãe foi uma negra escrava de um cavaleiro da casa Lança: e assim o filho, seguindo a condição da mãe, nasceu negro e escravo!; era, apesar de negro, agraciado e honesto!; tornado eremita apesar de negro, foi o branco de todos os varões espirituais daquele tempo [...]

A aldeia foi um ambiente rural na costa norte da ilha italiana, onde o religioso passou infância e adolescência, acompanhado por seus pais Cristóforo Manasseri e Diana Larcán e seus irmãos Marcos, Baldassara e Fradella, pretos originários da África Subsaariana, escravizados, posteriormente alforriados⁴.

Embora no mundo hispano-americano o *hagionym*, referência das hagiografias, “San Benito” seja muitas vezes seguido pelo predicado toponímico “de Palermo”, muitas vezes, na África, Portugal e Brasil, a denominação segue desprovida de topônimo. Assim, para distinguir os santos Benedito de Palermo e Bento da Núrcia, ambos chamados Benoît pelos franceses, passou-se a utilizar o termo “mouro” em alusão à fé professada por Benedito antes de sua conversão.

Desde cedo, Benedito trabalhou como dedicado pastor de ovelhas. Próximo dos 21 anos, deixou sua família e, até 1562, foi asceta sob a orientação de frei Girolamo Lanza, um eremita de origens nobres que o conduziu por inúmeras localidades, além de orientar sua educação e

⁴ Era comum escravizados serem identificados com os sobrenomes de “ex-senhores” (CONISB, 2022).

doutrina religiosa. Por ser iletrado nunca foi ordenado sacerdote. Passou toda sua vida na ilha mediterrânea da Sicília e faleceu em 4 de abril de 1589, aos 63 anos e em “pleno odor de santidade” conforme registros de canonização. Em Palermo, em um dos altares da bela e singela igreja do convento de Santa Maria dei Gesù, repousaram seus restos mortais semi-incorruptos. As complicações processuais dos tribunais eclesiásticos foram longas e seu processo de canonização prolongou-se por 218 anos, mas a fama, na América Latina, foi imediatamente relevante (Fiume, 2006).

Entende-se que, na Itália, antes do resgate da devoção ao santo, a articulação entre as interpretações clericais e o interesse dos fiéis na imagem e na memória do frade do século XVII era menos evidente. Em contraste, sua projeção nas Américas revelou-se mais expressiva, possivelmente em razão da influência dos costumes locais e da identificação cultural por parte dos escravizados africanos. No Novo Mundo, o “Santo Glorioso” passou a ser reconhecido como milagreiro e assumiu várias características originais.

O estudo hagiográfico do frei Antônio Daza (1611), intitulado *Quarta parte de la chronica general del nuestro Serafico Padre San Francisco y su Apostolica Orden*, é uma relevante publicação, que contém textos em referência aos dois pretos religiosos atuantes na Sicília.

Frei Apolinário da Conceição (1692-1755), cronista de estudos hagiográficos e religioso da Seráfica Província do Rio de Janeiro e um dos mais notórios em língua portuguesa no século XVIII, debateu as proclamações franciscanas do século anterior em sua crônica lançada em 1744. Nela enfatizava: “Negro na face, mas belo no coração: Benedito o que vem em nome de Deus”. Esta metáfora da cor sintetiza as questões da divindade que se estabelecem em contraponto à relação de etnia e cor escura do beato. O paradigma de elevação do religioso, superando a questão étnica, foi uma transformação considerável de mentalidade para o momento histórico. “De rosto negro, mas belo de coração. Bendito seja aquele que vem. Em nome de todos.” (Conceição, 1744, p. 255). A Figura 1 exibe a página do livro do Frei Apolinário da Conceição, que mostra uma das primeiras ilustrações do santo.

Figura 1 – Página do livro do Frei Apolinário da Conceição



Fonte: Conceição, 1744.

O primeiro memorial de Palermo sobre Frei Benedetto data de 1591. A *Ordinaria Inquisitio*, iniciada em 1594, durou dois anos. Em 1620, houve um segundo processo de canonização em San Fratello e um terceiro em Palermo de 1525 a 1526. O último coincidiu com o lançamento, pelo Papa Urbano VIII, de uma série de decretos que restringiam novos cultos que prestassem homenagem a figuras religiosas e leigas que haviam morrido há menos de cinquenta anos, exceto no caso daqueles que foram aclamados “pelo culto popular” (Fiume, 2006).

Quando a “Congregação para a Causa dos Santos” reuniu pessoas como testemunhas no processo de beatificação de Benedito no início do século XVIII, foram questionadas a respeito dos locais onde haviam encontrado esculturas desses santos, e muitos confirmaram ter encontrado mais de uma escultura ou pintura que se referia ao admirável Benedito, o preto manso que fazia milagres, no Atlântico Ibérico. Foram registradas as presenças de imagens de Benedito em países como Portugal, Espanha, Brasil e alguns países da América do Sul, como Peru, Argentina, México, entre outros (Rowe, 2019).

Quando recebeu inscrição no *Martyrologium Romanum*, de 1583, Frei Benedito já era co-patrono de Palermo desde 1652. Os decretos e expedientes delongavam o processo de canonização de Frei Benedito, mas, após um período de suspensão, o processo foi reaberto em 1713. Após grande difusão do culto latino-americano, o caso fora admitido como uma das exceções permitidas pelo Papa Urbano VIII, visto que ele já estava há muito tempo nos altares, inclusive portugueses. Sua beatificação deu-se no dia 11 de maio de 1743.

Apenas em 1790, dois milagres necessários para a santificação foram aprovados. Finalmente, em 24 de maio de 1807, o patrono dos escravizados foi proclamado santo pela Igreja Católica Romana. Curiosamente, a santificação ocorreu meses antes da revogação do

comércio de escravos pela Grã-Bretanha, em 2 de janeiro de 1807. No Brasil, a escravidão persistiria por mais 81 anos, oficialmente extinta no dia 13 de maio de 1888 (Fiume, 2006).

Registra-se que, em 1989, o corpo incorrupto foi transferido em cripta de vidro para San Fratello, que, desde então, tornou-se santuário e centro de intensas peregrinações religiosas. A procissão, realizada no jubileu do quarto centenário de sua morte, com os restos mortais do Santo, até então preservados, atravessou todas as ruas da cidade. A partir desse ano, a devoção continuou com simplicidade e discrição, mas com um fervor certamente maior do que nos anos anteriores. A devoção de Benedito, na Sicília, encontra-se atualmente limitada ao município de San Fratello, província de Messina, região da igreja Santa Maria di Gesù, anexa ao Convento dos Frades Menores, no Monte Grifone, subúrbio de Palermo, na Sicília, onde o religioso nasceu. Nesse local, o Santo permanece como padroeiro principal e, entre 1989 e 2023, seu corpo incorrupto esteve sob custódia, o que contribuiu significativamente para a preservação e o vigor de seu culto (Figura 2).

Figura 1 – Imagens de procissão em honra à São Benedito, o Mouro de San Fratello, no quarto centenário da morte do santo patrono, 1989



Fonte: Benedetto [...], 2022.

Infelizmente, a Igreja Santa Maria di Gesù teve seu interior completamente destruído em um incêndio ocorrido em julho de 2023. Apesar da notificação ao corpo de bombeiros local, a resposta não foi suficientemente rápida, e o incêndio acabou tornando-se incontrolável. Inúmeras relíquias religiosas foram destruídas, incluindo os restos mortais de São Benedito, que eram guardados praticamente intactos em uma caixa ou cripta dentro da igreja, restando apenas alguns fragmentos de ossos dos restos mortais do Santo co-padroeiro (Padre Pedro André, 2023).

No catolicismo, o caminho para uma pessoa ser canonizada é regulado pela Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*, de 25 de janeiro de 1983, e pelas Normas da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos, de 7 de fevereiro de 1983.

Entre os dias 10 e 17 de setembro de cada ano, em San Fratello, Província de Messina, comuna siciliana, é atualmente celebrada a festa do santo padroeiro, “San Benedetto il Moro”. No evento anual, frequentado tanto pela população local como por uma multidão de devotos de várias localidades da Sicília e pelos filhos de imigrantes, que regressam à aldeia para as férias de verão, ocorrem uma festa e uma procissão pelas ruas da vila.

O SANTO E SEUS MODELOS DE REPRESENTAÇÃO

No processo de criação da simbologia de São Benedito, em uma série de impressões, passou a ser representado acompanhado de crianças e anjos, coração, crucifixo ou crânio aos seus pés (Figura 3).

Figura 3 – São Benedito e suas representações

São Benedito de San Fratello e anjos, escultura em madeira policromada, século XVIII. Autor desconhecido



Fonte: Benedetto [...], 2022.

Beato Benito de San Philadelphio, de Palermo, gravura de Tognoletto, 1743



Fonte: Cussen, 2014, p. 155.

São Benedito de Palermo, escultura em madeira policromada e dourada, Andaluzia (ES). Século XVIII



Fonte: Rowe, 2019, p. 214. Plate 63.

Nas tradições modernas, o coração tornou-se um símbolo do amor profano e da caridade enquanto amor divino, da amizade e da retidão (Chevalier; Gheerbrant, 2022).

Na simbologia franciscana, o crânio é alusivo à expressão “Memento Mori”, que em latim significa “Lembre-se de que você é mortal”. Essa simbologia indica um alerta para a transitoriedade da vida terrena e da inevitabilidade da morte, incentivando a reflexão sobre a mortalidade e a busca pela vida eterna. Esta expressão era a saudação utilizada pelos paulianos “Eremitas de Santo Paulo da França” (1620-1633), também conhecidos como “Irmãos da

Morte”. O crânio faz parte da simbologia inserida na iconografia de São Francisco e está relacionada à existência e finitude humana.

O crucifixo, símbolo central na espiritualidade do franciscanismo, pode representar a paixão e morte de Jesus Cristo na cruz, bem como uma lembrança constante do sacrifício de amor de Cristo pela humanidade. Na espiritualidade franciscana, este atributo pode representar uma lembrança constante dos valores fundamentais de humildade, pobreza e total entrega a Jesus Cristo. Frequentemente, é utilizado como lembrete da humildade, pobreza e total entrega de Jesus, amor divino e redenção, valores que são fundamentais na espiritualidade franciscana (Chevalier; Gheerbrant, 2022).

De acordo com Dell’Aira (1993), a definição iconográfica de Benedito como santidade preta deu-se provavelmente após a publicação do franciscano hagiógrafo Pietro Tognoletto, em 1652. O cronista utilizou diversas fontes, incluindo a crônica de Antônio Daza, a obra *Vitae Sanctorum Siculorum* do jesuíta italiano Ottavio Gaetani (1566-1620) e referências contidas nos processos iniciados sobre a canonização de Benedito, tanto em Palermo como em San Fratello. Esta hagiografia é a única que se aproxima da crônica de Félix Lope de Vega (1562-1635). Na publicação, Tognoletto lançou o primeiro modelo iconográfico do frei preto, instituído Beato Patrono de Palermo. Posteriormente, todo esse material foi compilado na publicação organizada por Domenico d’Anselmo, em 1667, que tratava de santidades franciscanas da Sicília (Dell’Aira, 1993).

Fiume (2006) considera a produção de Pietro Tognoletto, do século XVII, bastante relevante para o entendimento da iconografia de São Benedito, afirmando que o padre franciscano e hagiógrafo de Palermo desenvolveu um plano de consolidar uma hagiografia ilustrada. Diz ainda, que a obra e as referências de Tognoletto, impulsionado pela contrarreforma, revelam o trabalho de pesquisa intenso realizado e representa o resultado maduro na forma de desenvolver a promoção dos cultos dos novos santos. A pesquisadora destaca que a estampa dedicada a São Benedito, da obra *Paraíso Seráfico*, de Tognoletto, produzida em 1667, tornar-se-ia a referência do primeiro modelo iconográfico do Santo (Figura 4a). Inúmeras estampas que circularam durante esse período parecem resgatar esta simbologia (Figura 4). Nos templos da região ibérica, verificam-se ainda hoje, centenárias esculturas de grande variedade iconográfica e formal cuja origem e modelos permanecem indefinidos e contaminados.

Figura 4 – Representações de Benedito

a) Detalhe do Frontispício de *La vitta di San Benedetto em Il Paradiso Seráfico*, de 1667



Fonte: Fiume, 2006.

b) Estampas de São Benedito no modelo italiano. Gravuras, século XVIII



Fonte: Dell'Aira, 1993.

Entendemos que o Menino Jesus no colo de São Benedito pode ser associado a duas questões simbólicas. A primeira é uma referência à experiência sobrenatural que São Benedito teria vivido várias vezes com o Menino Jesus. Muitas testemunhas viram o Santo em profunda oração, tendo em seus braços o Menino Jesus. A segunda é a presença de Deus na vida de São Benedito. A exaltação da humildade e sua fé, os milagres que teria intercedido, dentre os quais destacam-se ressurreições de dois meninos, curas de cegos e surdos e a multiplicação de pães e alimentos. Assim, ele é considerado o santo protetor dos cozinheiros.

De acordo com Fiume (2009), com aguda e profunda erudição, observa-se que a imagem de São Benedito aproxima-se daquela do lusitano Antônio de Pádua, sendo frequente vê-los, sobretudo no Brasil, representados com o Menino Jesus nos braços. Baseado nos estudos hagiográficos italianos e em uma interpretação portuguesa, o santo preto ganhou as flores como atributos em sua iconografia popular no século XVII. Este modelo refere-se ao milagre dos pães transformados em flores, entre outras versões (Araújo, 2011). Merece destaque o fato de que o milagre das flores ou rosas é muito comum em vários santos e não apenas na Santa Isabel (Figuras 5a e 5b).

Figura 5a – Santo Antônio de Pádua, escultura em madeira policromada. Igreja de Santo Antônio, Funchal, Ilha da Madeira (PT)



Fonte: foto acervo de Ribeiro, 2019.

Figura 5b – São Benedito das Flores. Visão frontal, escultura policromada, 1680. Igreja Paroquial de São Pedro, Óbidos (PT)



Fonte: Bindman; Gates Jr., 2010.

Conforme Fiume (2009, p. 89), este modelo poderia estar associado à iconografia de Santa Isabel, a Rainha Isabel de Aragão.

O mesmo tom lusitanizante contém a versão que mostra o Santo segurar um buquê ou uma cesta na túnica, como habitualmente encontramos em Santa Isabel, filha de Dom Pedro III de Aragão e de Constância da Sicília, sob o modelo de Santa Elisabete da Hungria, aparentada com a santa portuguesa, ambas capazes de transformar em rosas o alimento destinado aos pobres.

Isabel de Aragão ou Santa Isabel de Portugal (1271-1336) – reputada como fazedora de milagres, foi beatificada pelo papa Leão X, em 1516, e canonizada pelo papa Urbano VIII, em 1625 – foi rainha consorte de Portugal, esposa do rei Dom Diniz. Relata-se oralmente como um dos mais conhecidos de seus milagres, que, durante o cerco de Lisboa, Dona Isabel estava a distribuir moedas de prata para socorrer os necessitados da região de Alvalade quando Dom Diniz apareceu. O rei teria perguntado a Dona Isabel: “O que levas aí, senhora?” Para não desgostar o marido, que era contra essas doações, ela respondeu: “Levo rosas, senhor.” E o rei tornou a indagar: “Rosas no inverno?” A rainha mostra, sob o olhar surpreso do rei, as moedas, mas o que ele vê são apenas rosas vermelhas. Em outra versão hagiográfica a respeito de Dona Isabel, conta-se que, certa vez, numa manhã de inverno, decidida a ajudar os mais desfavorecidos, teria enchido uma dobra de seu vestido com pães para distribuir.

Assim como Santa Isabel escondia moedas ou pães, São Benedito escondia alimentos em seu hábito, para oferecer aos carentes (Figura 6). A similitude das narrativas dos milagres sugere esta associação.

Figura 2a – Rainha Isabel de Portugal
Escultura em madeira policromada. Museu
Nacional de Machado de Castro, Coimbra (PT)



Fonte: Adrião, 2021.

Figura 6b – São Diego de Alcalá.
Escultura em madeira policromada. Museu Diocesano
de Arte Sacra, Las Palmas, Gran Canária (ES)



Fonte: Wolfgang, 2016.

São Diego de Alcalá (1400-1463) possui hagiografia muito semelhante à de São Benedito. Chamado à vida religiosa e admitido como Frade Menor da Observância, apoiou-se na fé profunda, executou tarefas humildes junto aos enfermos no Convento de Santa Maria de Jesus d'Alcalá de Henares (ES). Após alguns anos, o eremita, retornou à sua cidade e assumiu o hábito de irmão leigo do Convento dos Frades Menores Observantes de Arrizafa, próximo a Córdoba (ES). Já ordenado, foi enviado às Ilhas Canárias, sendo nomeado, em 1445, guardião do Convento de Fuerteventura. Em 1449, regressou à Espanha, onde passou o restante da vida entre os conventos de Salcedo e Alcalá, encerrando seus dias em penitência, solidão e oração permanente. Segundo a tradição oral, após sua morte, em 1463, seu corpo, que não foi enterrado, não se corrompeu e, ao contrário, exalava um cheiro doce. Foi canonizado em 1588 (Muela, 2020).

Na dinâmica de representação mais frequente de São Benedito e São Diego de Alcalá, observam-se flores ou rosas em seu colo, em referência a um milagre de caridade junto aos pobres, em que distribuíam pão (Figura 6b). A escultura exemplificada é de autoria de Gregório Fernández (Sarria, 1576-Valladolid, 1636), principal escultor da Escola Castelhana (Fernández, 2023).

Em comparação à hagiografia de São Benedito, e conforme história oral, é dito que, ao levar alimentos do convento em que vivia aos pobres, e quando interrogado por um frade superior, teria levantado a capa de seu hábito e os alimentos tornaram-se flores (Baião, 1726). Conforme Renders (2013), em Portugal, o citado modelo tornou o santo conhecido como Benedito das Flores. Já no Brasil, popularizou-se como Benedito do Rosário ou “das Rosas” a

partir do século XVII. Salienta-se que inúmeras devoções, além de Santa Isabel e Diego de Alcalá, apresentam flores como atributos.

Em termos gerais, pode-se entender que as esculturas do Santo trazem a roupa típica de um franciscano da Ordem dos Capuchos. No braço esquerdo ou mão esquerda, o santo carrega um arranjo de flores; em alguns casos, podem ser pães, elementos que podem aludir à narrativa do milagre da transformação dos pães em flores, assim como suas citadas lendas, e as de Santa Isabel, de Portugal.

Quanto à hierarquia das cores, segundo Conceição (1744), na segunda metade do Setecentos, esta preconceituosa associação da cor preta não foi inaugurada como acidente; ela baseava-se nas definições herdadas de Tomás de Aquino – Tomás ou Tommaso de Aquino (1225-1274) – frade italiano da Ordem dos Pregadores cujas obras influenciaram a teologia e a filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica, e, por isso, é conhecido como *Doctor Angelicus*, *Doctor Communis* e *Doctor Universalis* (Vatican News, 2025). José Pereira Santana (1735-1738) também já havia utilizado essa “[...] hierarquia e a conotação de acidente da cor de Santos Elesbão e Ifigênia”.

Segundo Oliveira (2008), embora a cor preta fosse considerada “acidental”, conforme Conceição (1744), e não corrompesse a essência dos santos negros, a expressão ainda carregava uma conotação depreciativa. De acordo com o pensamento de Conceição (1744), apesar da cor, esses santos não estariam inferiorizados na corte celeste, em virtude de suas almas cristãs. Aqueles que seguissem seus exemplos, apesar do acidente da cor, seriam atingidos também pela graça divina (Oliveira; Nunes, 2008).

Em uma análise da iconografia espanhola, identificou-se uma fórmula tradicional, enquanto, em suas colônias americanas, eram comuns as variações. Em um compêndio escrito em meados do século XVIII, intitulado *Compendio de la heroica y maravillosa vida, virtudes excelentes, y prodigiosos milagros del mejor, Negro, el Beato Benito de Palermo, llamado el Santo Negro*, o frei Francisco Antônio Castellano associou a origem desse modelo à narrativa do episódio de uma procissão de *Corpus Christi* que era assistida por Benedito em Palermo (Oliveira, 2017).

Segundo este frei franciscano, o arcebispo de Palermo, ao ver o frei preto, pediu-lhe que levasse a cruz no trajeto da procissão. Benedito, sentindo-se honrado pelo pedido, entrou em contemplação. Segue a descrição eloquente da reação de Benedito:

Prova desta verdade foi o milagre repetido de o coração sair de seu lugar e fazer assento no rosto do nosso glorioso Santo; exalando chamas ardentes, com as quais manifestava, a partir do seu coração, as chamas e abrasava em fogo de amor divino a

todos quantos iluminava com seus belos raios [...] (Castellano apud Vicent, 2016, p. 30-31, tradução nossa)⁵.

Vincent (2016, p. 30-31, tradução nossa) reforça esta afirmação, mas pontua outros desdobramentos:

A iconografia é, através destas obras, quase sempre a mesma. Benedito, como no exemplar do museu de Valladolid, vestido com o hábito franciscano, leva na mão direita uma cruz e na mão esquerda um coração, expressão do fogo do amor divino. Em um compêndio redigido em meados do século XVIII, o franciscano Francisco Antonio Castellano situa a origem desta representação em um dos muitos milagres atribuídos ao Santo [...] Esta representação não está ausente de outros territórios, como a Nova Espanha, mas nunca é dominante como na Espanha. Prefere-se o Santo carregando nos braços, à maneira de Antônio de Pádua, o Menino Jesus, muito frequente no Brasil, ou o Santo ajoelhado, flagelando-se, como em Granada (Nicarágua)⁶.

O modelo espanhol é denominado o “Milagre do sangue”, como informa Oliveira, (2017). Reau (1958) relaciona São Benedito com São Gregório (o mouro) e São Maurício, pelo atributo do coração com as sete gotas de sangue. Entende-se que a abordagem espanhola manteve um apelo intenso, ao tratar a imagem de São Benedito numa leitura influenciada pela *Religio Cordis* ou Religião do Coração – em tradução literal no português –, tendo como atributo mais recorrente em sua iconografia o coração jorrando sete gotas de sangue, uma referência às sete virtudes do catolicismo – caridade, temperança, humildade, castidade, diligência, paciência e bondade –, como exemplo da imagem do catálogo virtual organizado pelo Museo Nacional da Escultura de Valladolid ([2022?]).

Com relação à iconografia espanhola nesses territórios colonizados, depreendemos que as reformulações sofridas pelo modelo tradicional ocorreram devido à presença dos nativos e, sobretudo, dos pretos vindos da África. Uma escultura de uma igreja de San Fratello em Messina (IT), mostra o Santo portando o coração e o crucifixo nas mãos. Neste modelo, o religioso franciscano carrega um coração na mão direita, mas há variações deste símbolo. Às vezes, no lugar do coração, pode trazer uma pequena trouxa de pano, e o coração em relevo pode aparecer posicionado no seu peito. O tecido pode ser uma referência à sua função de cozinheiro.

Na Igreja do Santíssimo Sacramento de Sant’Ana, pertencente à Arquidiocese de São Salvador da Bahia (BR), e templo tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

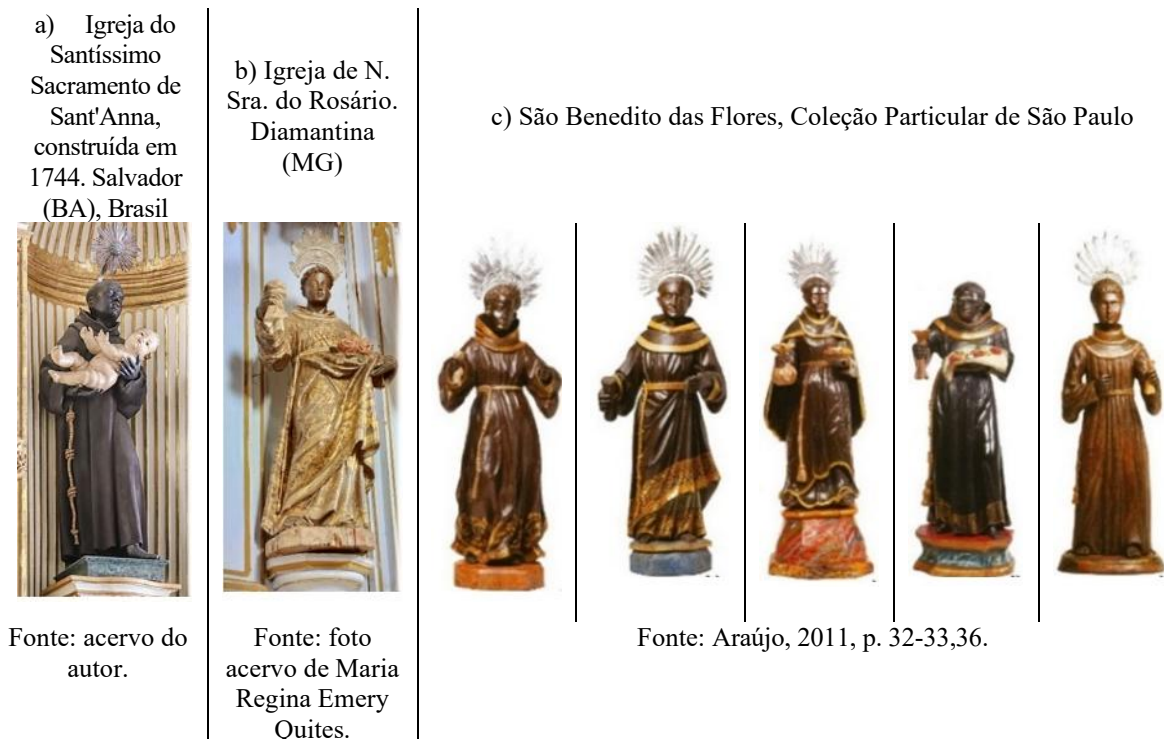
⁵ *Prueba de esta verdad fue el milagro repetido de salir de su lugar el corazón y hacer asiento en el rostro de nuestro glorioso Santo; exhalando encendidas llamas, con que manifestaba de su corazón los incendios y abrasaba en fuego de amor divino a cuantas ilustraba con sus hermosos rayos [...]*

⁶ *La iconografía es, através de estas obras, casi siempre la misma. Benito, como en el ejemplar del museo de Valladolid, vestido con el hábito franciscano lleva en la mano derecha una cruz y en la mano izquierda un corazón, expresión del fuego del amor divino. En un compendio redactado a mediados del siglo XVIII, el franciscano Francisco Antonio Castellano sitúa el origen de esta representación en uno de los muy numerosos milagros atribuidos al Santo [...] Esta representación no está ausente de otros territorios como la Nueva España, pero no es nunca dominante como en España. Se prefiere al Santo llevando en brazos, a la manera de Antonio de Padua, al niño Jesús, muy frecuente en Brasil o el Santo arrodillado flagelándose como en Granada (Nicaragua).*

Nacional em 1941, pode ser encontrada uma imagem de São Benedito com a criança no colo, típica do modelo italiano (IPAC, 1975). Ao longo dos anos, a devoção a São Benedito das Flores foi muito presente na cidade de Salvador, Bahia, espalhando-se por todo o país. Temos ciência de que, em festas litúrgicas, procissões e novenas, cuja celebração, no Brasil, ocorre em torno do dia 5 de outubro, os devotos enfeitam os altares do Santo com flores e realizam cânticos e danças em sua honra.

Em outros exemplos de apresentação, as esculturas de Benedito aparecem no modelo português, “das Flores”, reflexo da ampla circulação desses padrões no Brasil desde o século XVIII, e tornada sua representação unânime no século XIX (Figura 7). Embora Benedito tenha sido venerado como padroeiro das populações de pretos que passavam pelo processo de conversão ao catolicismo, suas esculturas emergiram no século XVII dentro de um contexto que não estava diretamente relacionado à escravidão. Essas representações eram um reflexo da presença dos pretos nas ordens religiosas durante os estágios iniciais do catolicismo tridentino na Europa. Quintão (2002) afirma que São Benedito é o mais lembrado dos religiosos pretos, e seu culto alcançou imensa aceitação no Brasil, inclusive entre a população branca (Figura 7c).

Figura 7 – São Benedito das Flores
Esculturas em madeira dourada e policromada, século XVIII



Em síntese, São Benedito, tradicionalmente venerado como padroeiro das pessoas de ascendência africana, cozinheiros, marginalizados e pobres, é frequentemente retratado, nas esculturas brasileiras, com feições típicas africanas, vestindo o hábito de monge franciscano,

tonsura na cabeça e portando objetos simbólicos, como um rosário preso à cintura, crucifixo, pedaço de tecido ou bandeja de flores nas mãos, elementos associados à pureza, humildade e aos atributos que mais o caracterizam. Tais imagens, além de reafirmarem a devoção religiosa ao santo, destacam-no como intercessor dos oprimidos. Os atributos presentes em suas representações conferem-lhe identidade e tornam-no uma personagem de grande reconhecimento popular e apelo visual por suas especificidades (Figura 8).

Figura 3 – São Benedito de Palermo: síntese de representação iconográfica



Fonte: esquema do autor.

Legenda: PORTUGAL: A) Igreja de N. Sra. da Graça ou de S. André e Santa Marinha, Lisboa; B) Braga; ITÁLIA: C) Sicília; D) San Fratello, Messina; E) Acervo do Institute of Art, Detroit, USA; ESPANHA: F) Acervo do Institute of Arts, Minneapolis, USA; G) Andaluzia; H) Cádiz; NICARÁGUA: I) León; VENEZUELA: J) Mérida; PERU: K) Lima; BRASIL: L, M) Coleção Particular, SP.

A respeito dos reflexos dos modelos europeus nas Américas, as representações iconográficas do religioso podem ainda apresentar um diverso repertório de apropriação. Na imagem presente na cidade de Leon, Nicarágua, é possível verificar que a personagem traja saia longa em tecido e ornada com pedrarias, miçangas e outros suportes. O religioso retratado aparece com seu tórax à mostra ou trajes locais coloridos de tendência folclórica e um bastão ou lança (Figura 8 I).

A lança é um símbolo multifacetado, cujos significados e interpretações variam conforme o contexto cultural e histórico, além de crenças específicas. Na tradição africana, pode representar poder, proteção e coragem diante de adversidades. Cabe destacar que, em outras culturas, pode genericamente assumir dimensões espirituais, associando-se a divindades guerreiras e rituais religiosos (Chevalier; Gheerbrant, 2022).

Além do hábito franciscano, outras reformulações de algumas apresentações do São Benedito incluem chapelão e capa coloridos, em países sul-americanos, como Venezuela, por exemplo (Figura 8 J).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os séculos XVII e XIX, as devoções pretas difundidas pelo catolicismo franciscano, materializadas em esculturas de madeira desde o início da Idade Moderna, passaram a ser reconhecidas por um expressivo número de convertidos e fiéis de origem africana. Nesse cenário, os frades menores capuchinhos encontraram terreno fértil para suas atividades de catequização. Além dos religiosos e difusores franciscanos, sobressaíram os líderes e membros devotos das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que se dedicaram intensamente à vivência da fé e à propagação das imagens de São Benedito.

Países como Portugal, Espanha e Itália consolidaram-se como as principais referências iconográficas desse religioso franciscano na difusão de sua devoção nas Américas e principalmente no Brasil. As esculturas que o retratam enaltecem a ascendência africana dos escravizados e contribuem para a inserção do culto junto aos novos católicos. Para além de sua dimensão estética, artística e religiosa, tais esculturas assumem uma força aglutinadora e identitária, à medida que incorporam significados políticos, históricos e sociais. Nessa circunstância, os devotos evocam raízes culturais, origens simbólicas e modos de representação que se contrapõem a uma sociedade marcada por estruturas hierárquicas e hegemonicamente brancas. Atribuem-lhes poderes curativos e milagrosos, organizam festejos e rituais e, assim, fortalecem o caráter comunitário e afirmativo dessas práticas religiosas.

O legado da devoção a São Benedito, reconhecido guia espiritual dos africanos escravizados e de seus descendentes, destaca-se por uma trajetória marcada por virtudes do retratado e por sua vigorosa expressão escultórica no catolicismo preto. O levantamento realizado, suas reapropriações e as vivências religiosas no processo de conversão de novos católicos no ambiente colonial contribuem para uma compreensão mais aprofundada dos aspectos sociais e culturais que configuram esse legado como parte do patrimônio cultural brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Vitor Manuel. O eterno feminino: Rainha Santa Isabel. Lisboa: *Lusophia*, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://lusophia.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ARAÚJO, Emanuel *et al.* *Benedito das flores e Antônio de Categeró*. Catálogo de Exposição. São Paulo: MAS-SP, 2011.

BAIÃO, José Pereira. *História das Prodigiosas Vidas dos Gloriosos Santos Antônio e Benedito, maior honra e lustre da Gente Preta*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa Occidental, 1726.

BASÍLIO RÖWER, frei. *Páginas de história franciscana no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1941. Disponível em: franciscanos.org.br. Acesso em: 15 jan. 2024.

BENEDETTO IL MORO. San Benedetto il moro da San Fratello. In: FACEBOOK, <https://m.facebook.com/pg/SanBenedettoilMoro/posts/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BENEDETTO, San Benedetto il moro da San Fratello. In: SOTTO LA PIETRA BLOGSPOT. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Benedito,_o_Mouro. Acesso em: 26 ago. 2022.

BENEDITO, O MOURO. In: Wikipedia: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2025]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gregorio_Fern%C3%A1ndez. Acesso em: 26 ago. 2025.

BINDMAN, David; GATES JR. Henry Louis (ed.). *The Image of the Black in Western Art: from the pharaohs to the fall of the roman empire*. Harvard: Harvard University Press; Du Bois Institute, 2010. v. 1. Disponível em: <https://www.hup.harvard.edu/books/9780674052710>. Acesso em: 10 jun. 2024.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números. Edição revista e atualizada por Carlos SusseKind; tradução Vera da Costa e Silva *et al.* 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Barcelona: Editorial Herder, 2022. Título original: Dictionnaire des symboles: mythes, rêves, costumes, gestes, forms, figures, coolers, nombres.

CONCEIÇÃO, Frei Apolinário da. *Flor peregrina por preta ou nova maravilha da Graça, descoberta na prodigiosa vida do Beato Benedito de São Filadélfio*. Religioso leigo da Província Reformada da Sicília, da mais estreita Observância da Religião Seráfica. Lisboa: Officina Pinheirense da Música, 1744.

CONSELHO NACIONAL DAS IRMANDADES DE SÃO BENEDITO DO BRASIL. *São Benedito*. Irmandade de São Benedito. São Paulo: CONISB, 2022. Disponível em: <http://www.conisb.com.br/sao-benedito>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CUSSEN Celia. *Black Saint of the Americas: The Life and Afterlife of Martín de Porres*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DAZA, Antonio (O.F.M.). *Quarta parte de la chronica general del nuestro Serafico Padre San Francisco y su Apostolica Orden*. San Francisco de Valladolid: Juan Godines de Millis y Diego de Cordoua, 1611.

DELL'AIRA, Alessandro. La fortuna iberica di San Benedetto da Palermo. *Atti dell'Accademia di Scienze, Lettere e Arti di Palermo*, Palermo, n. 12, p. 51-91, 1993.

FERNÁNDEZ, Gregorio. In: Wikipedia: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2023]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gregorio_Fern%C3%A1ndez. Acesso em: 26 set. 2025.

FIUME, Giovanna. Antônio etíope e Benedito, o mouro: o escravinho Santo e o preto eremita. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 40, p. 51-104, 2009.

FIUME, Giovanna. Lo schiavo, il re e il cardinale. L'iconografia secentesca di Benedetto il Moro (1524-1589). *Quaderni storici*, Bologna (IT), Anno 41, n. 121, p. 165-208, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia - SIPAC. *Inventário de proteção do acervo cultural - IPAC/SIC*. Salvador: IPAC-BA, 1975.

INVENTÁRIO ARQ RIO. *Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos*. Rio de Janeiro: Arquidiocese do Rio de Janeiro, [2023?]. Disponível em: <https://inventarioarqrio.com.br/acervos/detalhar/59>. Acesso em: 24 jul. 2023.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. In: JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiniano Gomes Ribeiro, 1859. v. II. Capítulo XI. (Originalmente publicado em 1761).

MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los santos*. São Paulo. ISTMO, 2020.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Santos pretos e pardos na América Portuguesa: catolicismo, escravidão, mestiçagens e hierarquias de cor. *Studia Historica - História Moderna*, Salamanca (ES), v. 38, n. 1, p. 65-93, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14201/shhmo20163816593>

OLIVEIRA, Joyce Farias de. *Niger, Sed Formosus: a construção da imagem de São Benedito*. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

OLIVEIRA, Vanessa S.; NUNES, Verônica M. Meneses. A Festa do Rosário dos Homens Pretos na cidade São Cristóvão/SE. *Cadernos de história*, Mariana, v. IV, ano 2, n. 2, p. 241-242, 2008.

PADRE PEDRO ANDRÉ, SDB. *Corpo-incorruto de São Benedito danificado por incêndio*. Roma: Vatican News, jul. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-07/palermo-corpo-incorruto-sao-benedito-sofre-danos-incendio.html>. Acesso em: 24 jul. 2023.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (1870-1890)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

RÉAU, Louis. *Iconographie de L'art Chrétien*. Paris: Presses universitaires de France, 1958. v. III.

RENDERS, Helmut. O coração como atributo hagiográfico de São Benedito do Rosário: hipótese sobre a sua origem e seu modelo subjacente da vida cristã. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 109-132, 2013.

ROWE, Erin Kathleen. *Black Saints in Early Modern Global Catholicism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SANDOVAL, Alonso de. *De instauranda aethiopum salute*: História de Aethiopia, natureza, Policia Sagrada y Profana, Costumbres, ritos, y Cathecismo Evangelico, de todos les Aethiopes. Madrid: Por Alonso de Paredes, 1647. Livro III. Parte I. Cap. XXXIV-XLVII.

SANTANA, José Pereira Mestre Fr. Os dous Atlantes da Ethiopia: Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princesa da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas... Lisboa Occidental: Officina de Antônio Pedrozo Galram, 1735-1738. Tomo II.

SAUBER, Wolfgang. *Estátua de São Didaco de Alcalá, século XVIII*. Las Palmas, Gran Canária: Museu Diocesano de Arte Sacro, 2016. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Las_Palmas_Di%C3%B6zesanmuseum_-_St._Diego_de_Alcala.jpg, 2016. Acesso em: 26 abr. 2022.

VATICAN NEWS. *750 anos após seu falecimento é revelada a face de Santo Tomás de Aquino*. Roma: Vaticano, 2025. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2025-02/750-anos-apos-falecimento-revelada-face-de-santo-tomas-aquino.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

VINCENT, Bernard. San Benito de Palermo en España. In: Ediciones Universidad de Salamanca/*Studia histórica: Historia Moderna*, Salamanca, v. 38, n. 1, p. 23-38, 2016.

ZARATTINI, Fábio Mendes. *Santos pretos: esculturas devocionais no Brasil*. 2024. 435 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.